



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS



Órgão do POR
Partido Operário Revolucionário
Membro do Comitê de Enlace pela
Reconstrução da Quarta Internacional
N.º 12/2025 - 22 de março de 2025
(11) 95446-2020 | @massas.por | pormassas.org

Manifesto do POR

À Marcha das Mulheres Trabalhadoras do ABC Paulista

Lutar pela libertação da mulher com o programa da revolução proletária!

A Marcha das Mulheres Trabalhadoras do ABC Paulista acontece em meio ao aprofundamento da crise mundial do capitalismo. A burguesia segue despejando o peso da crise sobre a maioria oprimida e, em particular, sobre a mulher trabalhadora. O genocídio na Faixa de Gaza tem entre suas vítimas 70% de mulheres e crianças. A destruição das condições de vida dos explorados, com o aumento do custo dos alimentos, das péssimas condições de trabalho, dos salários miseráveis, das jornadas de trabalho exaustivas, do desemprego, da falta de moradia, da violência e da opressão, atinge duramente as mulheres trabalhadoras.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2022, o total de domicílios chefiados por mulheres no Grande ABC é de 49%, das quais cerca de 15% são mães solo. As mulheres constituem a maioria das vítimas da violência sexual (86,7%), psicológica (64,7%) e física (52,0%). De acordo com dados do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública do Ministério da Justiça e Segurança Pública (Sinesp), somente em 2024 houve ao menos 1.387 casos de feminicídio e 78.463 casos de estupro, o que equivale a 214 vítimas de estupro por dia no Brasil. Na maioria dos casos os agressores são familiares, parceiros íntimos, e estão dentro de casa. O desequilíbrio das famílias é um fenômeno social relacionado à cultura desagregadora.

Publicado o livro:

RESPOSTA MARXISTA ÀS OPRESSÕES

As distintas opressões têm em comum a raiz de classe da opressão social. As suas particularidades exigem respostas que levem ao programa da revolução proletária. Este livro sustenta essa premissa marxista, que se choca frontalmente com o conservadorismo e o reformismo burgueses.



Em função da estrutura econômica do capitalismo, as mulheres seguem escravas do lar, exercendo dupla ou até tripla jornada de trabalho, pois são as principais responsáveis pela função social da maternidade e pelo trabalho doméstico, com alimentação e vestuário. As mulheres recebem os menores salários, mesmo na área de

serviços domésticos, em que as mulheres são a maioria, os rendimentos são até 20% maiores para os homens, como revelam os dados da Pnad Contínua. As mulheres seguem sendo as mais submetidas à informalidade ou ao desemprego, – a taxa de desocupação das mulheres é 45,3% maior que a dos homens.

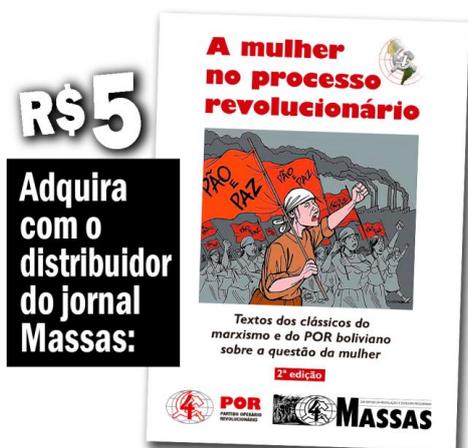
O encobrimento do caso Samuel Klein, fundador da Casas Bahia que manteve um esquema de abuso sexual por décadas em São Caetano do Sul revela como a burguesia e seu Estado é incapaz de proteger as mulheres exploradas. Ao contrário, as instituições burguesas avançam contra a organização dos explorados. Há exatamente 10 dias, a Ocupação da Mulher Operária Alceri Maria Gomes da Silva foi despejada em São Caetano. Em São Bernardo, a Prefeitura segue com a ação de desocupação da sede do Projeto Meninos e Meninas de Rua (PMMR). O desmonte de espaços de rede de apoio é generalizado.

O terceiro mandato de Lula comprova, mais uma vez, a incapacidade do nacional reformismo responder às necessidades mais sentidas das massas e principalmente a opressão sobre as mulheres, assim como qualquer outro governo submetido à política burguesa. Com alianças cada vez mais à direita, Lula manteve as contrarreformas trabalhistas, previdenciária e até mesmo as normativas bolsonaristas de restrições ao já limitado aborto legal. Junto a isso, promoveu a sua própria contrarreforma criando o novo teto de gastos, arrojando o salário mínimo, cortando beneficiários do BPC e do Abono salarial, o que afeita os mais pobres, especialmente as mulheres que, em geral, arcam com os cuidados de pessoas com deficiência em seus lares. A submissão ao agronegócio e às mineradoras leva a um quadro de violências contínuas sobre camponeses, indígenas e quilombolas, com maior peso sobre as meninas e mulheres.

É fundamental compreender que vivemos a fase do capitalismo em decomposição e em uma época de guerras, revoluções e contrarrevoluções,

em que não há possibilidade de reformas progressivas sob o capitalismo, portanto, é necessário superar as ilusões na democracia burguesa e romper com as direções conciliadoras que desviam as lutas para essas vias fracassadas e se mostram administradoras da barbárie capitalista, incapazes de conter as contrarreformas e as tendências fascizantes. Precisamos recuperar o exemplo das mulheres operárias que estiveram à frente da Greve Geral de 1917 no Brasil e das greves que desencadearam a Revolução Russa. Ao contrário do que faz a maioria das correntes de esquerda, que descaracterizam a luta de classes, promovendo atos festivos e alimentando ilusões no eleitoralismo, devemos confiar somente em nossas próprias forças, em nossos métodos próprios de luta e organização para pôr em pé uma direção revolucionária.

A experiência mais avançada na emancipação da mulher foi com a Revolução Russa, na União Soviética, quando as tarefas domésticas começaram a passar para a responsabilidade do Estado por meio da criação das creches, lavanderias coletivas, restaurantes populares etc. Sob essa base material foi possível socializar as tarefas domésticas e libertar as mulheres da escravidão do lar. A igualdade jurídica entre homens e mulheres deu os seus primeiros passos. No entanto, essas conquistas retrocederam com o processo de restauração capitalista nos países que fizeram sua revolução proletária.



Nossa tarefa é retomar esse caminho de luta, defendendo que essa marcha seja de combate das reivindicações que unifiquem homens e mulheres explorados, com os métodos próprios da classe operária. É na luta pelas reivindicações vitais que avançaremos contra o regime capitalista, fonte da brutal exploração dos trabalhadores, em particular da gigantesca massa de mulheres, que sentem o peso da dupla jornada.

E o caminho é o da revolução social, para pôr fim ao capitalismo e edificar uma sociedade socialista.

Encontro da Corrente Proletária na Educação Universidade Federal do ABC

Terça-feira, 25.03.25, 18h, presencial
Câmpus Santo André, Bloco A, Térreo, Sala 004

Pauta inicial

- 1) Informes;
- 2) Estudo coletivo do texto "Ser ou não ser feminista";
- 3) Situação política;
- 4) Próximas atividades.



Construir uma direção classista!

cpeufabc.wordpress.com [massas_por](https://www.instagram.com/massas_por) (11) 9 5446-2020

A raiz da opressão da mulher é de classe, está na propriedade privada dos meios de produção, que condiciona sua subordinação no ambiente doméstico e as discriminações sob o capitalismo. A luta pelo fim da opressão das mulheres está indissolúvelmente ligada à luta pelo fim da exploração da classe operária. O divisionismo em torno das "identidades" preserva as discriminações ao impedir a ação unitária. **A luta deve ser pela incorporação de todas as mulheres à produção social, por meio da divisão das horas de trabalho entre todos aptos a trabalhar.** Pela superação da discriminação salarial, ou seja, que o mesmo trabalho tenha a mesma remuneração, e que não seja inferior ao salário mínimo vital (nos cálculos do DIEESE em Fevereiro de 2025, R\$ R\$ 7.229,32). Pela libertação da mulher da escravidão do lar, por meio da transferência deste trabalho para o Estado, por meio da criação das creches, lavanderias coletivas, restaurantes populares, etc. Pela estatização de toda a rede privada de saúde e criação de um sistema único, integralmente público, gratuito e sob controle operário. E que a função social da maternidade seja protegida e o direito ao aborto seguro e gratuito seja garantido pelo Estado. Que esse ato seja um ponto de partida para a unificação de todos os movimentos em torno da construção de um Dia Nacional de Luta em defesa dos empregos, salários, direitos e fim de todas as formas de opressão.